

OMS X coronavírus: por que a organização não pode controlar a epidemia - Resumo por Amanda Rossi

OMS X coronavírus: por que a organização não pode controlar a epidemia

Atacada por Trump e ignorada por muitos de seus membros mais poderosos, a Organização Mundial da Saúde está enfrentando uma grande crise - exatamente no momento em que mais precisamos dela.

Publicado em 10 de abril de 2020

A Organização Mundial da Saúde (OMS) está lutando para que os 194 países membros sigam suas orientações sobre a COVID-19, mas muitos desprezam seus avisos e levantam suspeitas sobre a instituição. Apesar de ter uma enorme responsabilidade, a OMS tem pouco poder. Diferentemente de outros organismos internacionais, como a Organização Mundial do Comércio (OMC), a OMS não pode aplicar sanções aos membros que descumprirem suas recomendações. Além disso, tem um orçamento muito pequeno, de cerca de US\$ 2 bilhões em 2019 - menos do que hospitais universitários de países ricos. Para completar, o avanço do nacionalismo no mundo está desgastando a ordem internacional baseada no multilateralismo, que é um dos pilares das Nações Unidas, da qual a OMS faz parte.

A OMS surgiu em um momento de esperança no multilateralismo, após o fim da Segunda Guerra Mundial e da queda de regimes nacionalistas totalitários. Uma das principais histórias de sucesso da OMS foi a luta contra a varíola, doença que matava milhões de pessoas por ano na década de 1950. A organização teve um papel central de coordenação e diplomacia entre os países. Em plena Guerra Fria, convenceu a União Soviética a fabricar 25 milhões de doses de vacina, cuja distribuição seria feita pela própria OMS, e arrecadou doações milionárias dos Estados Unidos para os programas de vacinação da organização. Além disso, todos os países membros das Nações Unidas passaram a compartilhar com a OMS relatórios semanais detalhados sobre a situação da varíola. Em 1979, a doença foi erradicada. Se não fosse a OMS, é difícil que a varíola tivesse sido vencida.

Outro momento de forte atuação da OMS foi na crise da SARS, outro coronavírus, em 2003. Poucos anos antes, a então diretora-geral da organização, Gro Harlem Brundtland, da Noruega, havia iniciado um trabalho de rastreamento de possíveis novos surtos. Para isso, eram utilizadas informações compartilhadas por canais diplomáticos, colaboradores em diversos países do mundo e na Internet. Então, em 2003, essa rede municiou a OMS de informações sobre um estranho surto de pneumonia na China. Oficialmente, o país não havia alertado a OMS. Em seguida, a diretora Brundtland passou a acusar a China de reter informações e disse que o surto poderia ter sido contido "se a OMS tivesse podido ajudar em um estágio inicial". A pressão surtiu efeito. Logo em seguida, a China começou a compartilhar os dados. Além disso, pela primeira vez na história, a OMS recomendou não viajar para áreas afetadas.

A liderança da OMS foi considerada um sucesso. Menos de 1.000 pessoas ficaram doentes, apesar da SARS ter se espalhado por 26 países. Sem vacinas ou tratamentos contra a SARS, a doença foi derrotada com as chamadas intervenções não farmacológicas - avisos para viajantes, rastreamento de casos, testagem, isolamento de pessoas infectadas, coleta e compartilhamento de informação.

Esse sucesso não se repetiu nos anos seguintes. Em 2009, na pandemia de H1N1, também conhecida como “gripe aviária”, a atuação da OMS foi criticada. Em todo o mundo, foram confirmadas 18,5 mil mortes. É muito menos do que era esperado, já que a doença atingiu mais de 200 países. Por isso, a OMS foi acusada de ter exagerado, gerando perdas financeiras e assustando as pessoas desnecessariamente. Até hoje, há um debate sobre o assunto. Alguns acham que a H1N1 foi de fato uma crise, e que poderia ter sido muito maior se não tivesse sido contida. Outros acreditam que foi um alarme falso. É um exemplo clássico de um dilema cruel que existe nessa área: se você agir devagar, vai ser criticado por não ter evitado mortes; já se você agir de forma rápida e decisiva, conseguindo interromper a epidemia antes que ela se torne grave, você vai ser acusado de ter exagerado.

As críticas recebidas em 2009 fizeram com que a OMS ficasse mais cautelosa dali em diante. Além disso, o orçamento da organização caiu drasticamente nos anos seguintes à crise econômica de 2008. Áreas que trabalhavam com preparação contra pandemias foram cortadas.

Em 2014, foi a vez do surto de Ebola, na África Ocidental. Dessa vez, a OMS demorou a agir e foi criticada por ter perdido o controle da situação. O surto matou 11,3 mil pessoas, a grande maioria em apenas três países: Guiné, Libéria e Serra Leoa.

Já em 2020, na pandemia do novo coronavírus, a OMS tem sido acusada de pegar leve com a China, onde surgiu a COVID-19. Em conferência de imprensa, Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, acusou a OMS de ocultar informações, demorar para responder ao vírus e, acima de tudo, favorecer a China. Trump sugeriu ainda limitar as contribuições financeiras dos EUA à OMS. Por outro lado, especialistas dizem que os países ocidentais demoraram para ouvir os alertas que a OMS estava emitindo sobre os perigos do novo coronavírus, enquanto o vírus ainda estava restrito à China. Os alertas eram feitos, mas o mundo não ouvia.

Atualmente, a OMS continua destacando que a resposta ideal à pandemia é relativamente simples. É preciso limitar aglomerações e rastrear todos os casos conhecidos - uma estratégia que funcionou na Coreia do Sul e parece estar funcionando na Alemanha. Além disso, os países devem compartilhar informações e recursos científicos. O atual diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, repete constantemente: "Teste de teste" e "solidariedade solidariedade solidariedade".

A oposição à OMS não se deve apenas a divergências sobre a condução da epidemia. Muitos países ricos estão se voltando para dentro, assumindo posturas cada vez mais nacionalistas e menos multilaterais. Na crise do novo coronavírus, há diversos relatos de países que confiscam

produções nacionais ou compras internacionais. O nacionalismo está colapsando a solidariedade internacional - algo muito além do controle da OMS. Os países parecem só se preocupar com diminuir os números da pandemia dentro do seu território, não em derrotar a pandemia como um todo. "A OMS é uma força global, mas as pessoas não estão pensando globalmente", diz Clare Wenham, especialista em saúde.